

PENSANDO A EJA NA PERSPECTIVA DA TROCA DE SABERES

MIRANDA, Claudia Berenice Borges¹; SILVEIRA, Denise Nascimento²

¹UFPEL, Licenciatura de Matemática claudia.berenice@bol.com.br

; ² UFPEL, IFM/DME silveiradenise13@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Este texto é o relato de uma vivência que considero fundamental na constituição da minha formação docente. Essa experiência começou há algum tempo quando realizei o seminário de Trabalho de Campo I – que é uma disciplina que pretende preparar-nos para a realização do primeiro estágio nas escolas de educação básica. Durante essa disciplina, além das leituras e elaboração de projetos de ensino, realizamos algumas visitas em escolas da cidade, como uma forma de iniciar nosso contato na condição de futuros professores.

E, foi em uma dessas visitas que tive a oportunidade de conviver com alunos da EJA – Educação de Jovens e Adultos; nessa convivência percebi que me agradava muito estar naquele ambiente e com aquele público e, em meus pensamentos, retomei algumas experiências que já havia realizado com essa modalidade educativa. Ao circular por esse espaço denominado escola e ouvir – mesmo que minimamente – aqueles alunos muito mais jovens do que adultos me defini por realizar meu estágio neste local.

Assim, no primeiro semestre de 2012, fui procurar essa Escola e solicitei um espaço para desenvolver minha prática, inicialmente observando e posteriormente realizando meu estágio. Um pensamento sempre me acompanhou e acompanha nesse trabalho que é o fato de não somar novos elementos que possam excluir mais uma vez essas pessoas do sistema educativo. Para tanto carreguei/carreguei algumas intenções como: não excluir as histórias pessoais, me apoiar nas memórias de cada um, abandonar o imaginário escolar que estabelece resultados homogêneos e/ou uniformes para pessoas singulares, dentre outras.

Para tal fiz permanentes adaptações curriculares, considerando a diversidade dos sujeitos, tentando demonstrar o quanto eles são capazes de aprender e, dessa forma, desenvolver muitos conceitos matemáticos que considero relevantes no processo de ensino e de aprendizagem. E, em uma dessas situações é que surgiu a oportunidade de desenvolver a experiência que me propus a relatar nesse evento. Ela começa mais ou menos, assim... Estávamos nos aproximando das comemorações dos 200 anos da cidade de Pelotas e houve por parte da Coordenadoria Estadual de Educação – 5ª CRE uma solicitação para se desenvolvesse na Escola, atividades que usassem como tema o aniversário da cidade.

No primeiro momento sempre vem a dúvida e a insegurança para abordar uma temática que não estava prevista e da qual não temos muitas informações, de quantos professores se envolveriam com o projeto e assim vai, sempre lembrando que muitos dos meus alunos, mesmo tendo nascido nessa cidade, nem sempre a conheciam suficientemente. Mas fomos a reunião com todos os docentes para buscar um caminho. Dentre as muitas sugestões apresentadas optei por buscar a história do Banco Pelotense, pois com esse tema poderia abordar tópicos de

matemática financeira, para explicar a ascensão, a crise e a queda desse estabelecimento.

Foi firmado o acordo pedagógico para que o maior número possível de professores dessa turma trabalhassem com o tema dos 200 anos de Pelotas e dessa forma, o mesmo foi apresentado para o grupo de alunos que se sensibilizaram com a proposta do resgate Histórico do Banco Pelotense. Daí fizemos as primeiras organizações que apresentadas no próximo tópico. Penso que um dos grandes valores desse trabalho foi o de poder mostrar para os alunos o quanto a economia de uma cidade ou região pode ser um fator preponderante para a exclusão social e conseqüentemente, o parco investimento na educação que poderá levar um grande contingente de pessoas a não ter o direito que está previsto na Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU: “Todo ser humano tem direito à instrução [...]”.

E, ainda, percebo o quanto não temos muitas dessas preocupações na formação inicial, pois em nossa matriz curricular não há nenhuma referência a EJA, e, conforme Brandão (2009, p.9), “[...] a EJA realiza ainda a tempo para alguns, ou tardiamente para outros, o preceito de justiça reclamado há exatos sessenta anos”. Por isso, considero muito relevante o que diz o mesmo autor: “*Semear esperança: educar jovens e adultos*” (grifos meus).

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Acreditei em um trabalho em grupo com os alunos para que eles se envolvessem, despertando uma visão mais crítica em relação às suas existências e às possíveis implicações da participação desses jovens e adultos, com uma maior integração na sala de aula. Cada um contribuindo com o tema que lhe chamasse mais atenção. Com uma abordagem sociocultural, na perspectiva vygostikiana (OLIVEIRA, 1999), em função dos objetivos propostos estarem definidos a partir da necessidade concreta do contexto histórico social na qual se encontravam esses estudantes.

Em um primeiro momento apresentei o que eu sabia do Banco Pelotense para tornar a tarefa mais interessante, com isso os adultos da sala de aula ficaram apaixonados por ouvirem e lembrarem de seus pais comentarem sobre o assunto do Banco, que era nosso. E, assim todo o início das aulas de Matemática tinha alguém com alguma novidade para relatar sobre o trabalho que estava sendo pouco a pouco construído, quase como uma “hora do conto”. Tendo como meta proporcionar um ambiente de trabalho que estimulasse o aluno da EJA a discutir, rever, perguntar e ampliar suas ideias.

Com esse trabalho se desenvolveu um ensino interativo que se constituiu com a experiência e saberes dos alunos e incentivou a socialização de vivências individuais e coletivas, abrindo espaço para um assunto que poderia parecer desinteressante: um banco que não existia mais. Esse trabalho teve, também, o propósito de mostrar para os alunos, o quanto a Matemática e a Escola podem ser um instrumento para sua aprendizagem como um todo e, para toda sua vida, despertando no estudante a percepção de que ele é o agente da construção do seu conhecimento.

Ainda assim alguns alunos não estavam totalmente interessados na pesquisa, em vários momentos tive que parar para pensar e analisar como iria integrá-los na atividade para atingir o objetivo proposto. Observando, então, que faltava usar o que mais atraía esse grupo bem mais jovem – que mostra-se como

outra situação na EJA a presença adolescentes a partir de 14 anos –, ou seja o uso das mídias. Foi, então, que propus o envio e troca de materiais já pesquisado por e-mail. E, desse simples detalhe, tudo se tornou diferente.

Alguns conheciam sítios (face book,Orkut,...) bastante acessados, mas nunca haviam usado o e-mail para pesquisa e se comunicar com professores. Outros, já mais velhos, não possuíam o correio eletrônico, pois consideravam que não precisavam, ao terem que criar um e-mail para trocar correspondência, também passaram a gostar dos jogos disponibilizados na rede e, assim, mais um momento de aprendizagem e integração de jovens e adultos, usando o computador como ferramenta.

Quando conseguiram mandar e-mail para a professora foi uma alegria sem fim, de ambas as partes; deles por estarem aprendendo e terem conseguido utilizar algo diferente e que não é novo e, minha por saber que mais um objetivo proposto estava sendo alcançado. Assim, sempre procurava responder algo para eles, de forma que soubessem que a professora estava acompanhando o trabalho, mesmo nos dias que não havia aula de Matemática.

Os colegas professores da escola comentaram do entusiasmo da turma e, elogiaram o incentivo dado a modalidade de EJA, pois alguns alunos tinham vontade de apresentar o trabalho na forma de *banner*, outros com maquetes porque nunca tinham realizado uma atividade com esse tipo de trabalho. Todas as ideias foram incentivadas e produzidas para que eles se sentissem valorizados, afinal o trabalho de pesquisa em grupo era deles. Com essa metodologia, percebo que valorizamos o ritmo e os anseios dessa modalidade educativa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência vivida realmente foi surpreendente, pois ampliei minha compreensão de que pode ficar muito no outro quanto nos comunicamos com interesses comuns. Percebi, também, que mesmo que essa modalidade de educação tenha um currículo bastante condensado, e ainda pelo fato de o professor ter de trabalhar uma totalidade (uma série) na metade do tempo regular, ainda há espaço para desenvolver atividades paralelas, sem sacrificar o tempo tão precioso desses alunos que na maioria das vezes são trabalhadores de turno integral.

4 CONCLUSÃO

O trabalho de pesquisa foi concluído com a confecção de um *banner* com toda a história do Banco e um painel com as fotografias de todas as fachadas do Banco Pelotense no Brasil e na Europa, onde pudemos fazer um resgate histórico com as questões políticas, econômicas e até arquitetônicas, em função dos estilos de construção dessa época.

Ao apresentarmos o trabalho para a equipe diretiva da 5ª CRE – que havia solicitado as tarefas alusivas aos 200 anos da cidade, o trabalho foi muito elogiado e passará a fazer parte de uma produção dessa coordenadoria que publica as “Boas Práticas da EJA”; dessa forma a conclusão que posso tirar é que o trabalho foi um sucesso para os alunos e para mim, nessa minha “estreia” como docente e, me motivando a prosseguir com trabalhos desse formato pedagógico.

5 REFERÊNCIAS

BARCELOS, Valdo. **Formação de Professores para educação de Jovens e Adultos**. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

FERNANDES, Cleoni M. B., SILVEIRA, Denise N. **Professores em formação e a constituição do Campo de Saberes: uma questão em aberto**. I CONGRESSO de PROFESSORES PRINCIPIANTES. Sevilha-Espanha, julho 2008. Anais do I Congresso de Sevilha-Espanha. Universidade de Sevilha. Página 1 e 13.

Disponível: <http://prometeo.us.es/idea/congreso/pdf%20comunicaciones/24.pdf>

Acesso em: 15/07/2012.

FONSECA, Maria da Conceição. **Educação Matemática de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autentica, 2005.

OLIVEIRA, M. K. de. **Vygotsky - Aprendizado e Desenvolvimento: Um Processo sócio-histórico**. 4ª ed. São Paulo. Editora: Scipione, 1999

SANTOS, Roberto. **Abordagens do Processo de Ensino e Aprendizagem**. Cidade: Revista Integração. Jan/fev/Maio. Ano XI, nº40 – p.19-31.